

ENHEDUANA: UMA CHAVE FEMININA PARA O REFORÇO DO PODER ACADIANO NA SUMÉRIA

Alexandre Galvão Carvalho¹

Ivone Vieira da Silva²

Resumo

Este trabalho visa discutir a importância exercida pela princesa Enheduana durante seu ofício como en sacerdotisa. Enheduana será abordada por meio da evidência visual mesopotâmica e de seus escritos, com o objetivo de entendermos sua influência na transformação do sacerdócio feminino e na manipulação do sistema ideológico da época em proveito próprio e do império acadiano. Nesse sentido, o texto demonstra como Enheduana foi um importante agente na manutenção e reforço do poder acadiano nas cidades-estados da região suméria.

Palavras-chave

Enheduana; Inanna; Acádia; literatura; cultura material.

¹ Professor Titular Pleno – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Brasil. E-mail: alexandre.galvao@uesb.edu.br.

² Graduada em História – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Brasil. E-mail: ivy.piata@hotmail.com

Abstract

This paper aims to discuss the importance exercised by Princess Enheduanna during her office as a priestess. Enheduana will be approached through Mesopotamian visual evidence and her writings, with the aim of understanding her influence on the transformation of the female priesthood and the manipulation of the ideological system of the time for her own benefit and that of the Akkadian empire. In this sense, the text demonstrates how Enheduanna was an important agent in maintaining and reinforcing Akkadian power in the city-states of the Sumerian region.

Keywords

Enheduanna; Inanna; Akkad; literature; material culture.

Introdução

Enheduana, era filha de Sargão de Acádia (2334-2279 a.e.c.), fundador da dinastia acadiana, que conseguiu submeter várias cidades. Após sua morte, seus filhos Rimush (2239-2230 a.e.c.) e Manishtusu (2229-2214 a.e.c.), e neto, Naram-Sim (2213-2176 a.e.c.), mantiveram esse controle, sendo inclusive ampliado no período deste último, tendo alcançado o império, sua máxima extensão. Com o objetivo de reforçar seu poder junto às cidades do sul da Suméria, Sargão nomeou sua filha para o cargo de sumo sacerdotisa do deus da lua Nanna, em Ur. As evidências sugerem que Enheduana foi nomeada En sacerdotisa no final do reinado de seu pai, em um momento em que as populações das cidades sumérias continuavam rebeldes e inquietas ante ao poder acadiano.

A indicação de Enheduana não feriu as tradições sumerianas de nomeação de membros da aristocracia para os sacerdotes e sacerdotisas de templos de grandes deuses sumerianos. Em geral, os en sacerdotes ser a deusas, enquanto as en sacerdotisas servem aos deuses, a exemplo dos templos de Uruk da deusa Inanna e de An. O ofício ritual ao deus Nanna, também conhecido como Suen, é antigo, provém desde o período Dinástico III. As evidências no templo do deus-lua são consistentes ao longo dos tempos, e indicam a existência de tradições mais amplamente documentadas em períodos posteriores. Hall (1985: 889) remonta Nanna / Suen ao período nômade pré-alfabetizado. O nome Nanna é atestado como um nome pessoal nas tabuínhas do período Jemdet Nasr de Uruk. Além disso, Nanna é o nome do deus da lua preferido em nomes pessoais sumérios, enquanto o povo semítico de língua acadiana preferia o nome Suen. Um terceiro nome para o deus lua é Ashimbabbar, que pode significar “que anda sozinho” ou “touro que anda sozinho” em sumério, bem como “elevando-se brilhantemente” em acadiano.

Enheduana foi en sacerdotisa no reinado de seu pai, de seus dois irmãos, que governaram, um após o outro por um período de mais de 22 anos, além do período de seu sobrinho, Naram-Sin, que governou por 36 anos. Seu poderoso intelecto, dons criativos e capacidade de liderança foram usadas como uma ferramenta eficaz por meio da palavra escrita para disseminar suas crenças. Os seus quarenta e dois hinos escritos para templos em todo o reino acadiano tiveram forte ressonância junto à aristocracia religiosa, estabelecendo Enheduana como uma voz de autoridade (Meador, 2000: 49). Além dos hinos, a filha de Sargão escreveu poemas para exaltar a deusa Inanna, que definiram uma nova hierarquia dos deuses. Enheduana

usou seu gippar³ para criar e promover seu próprio ponto de vista, preservando textos de sua autoria, algo que não tinha acontecido até então. Daí, a historiografia atribuí-la o papel de primeira autora da Antiguidade (Meador, 2000: 49).

As fontes associadas a Enheduana são de três tipos: arqueológica, histórica e literária. Os registros arqueológicos, associados à princesa, descrevem o papel desempenhado no sacerdócio religioso mesopotâmico. As inscrições encontradas em Ur demonstram sua linhagem real e como ela está à frente de uma longa sucessão de en sacerdotisas até o final do reinado de Rim-Sin, cerca de cinco séculos após sua nomeação. Seus registros literários são os documentos mais notáveis, considerando a forte marca de seu estilo e de suas convicções em seus poemas. Apesar de alguns autores questionarem sua autoria nessas composições, Hallo e Van Dijk (1968: 02) apontam que o grande ciclo de Hinos ao Templo da Suméria e Acádia, assim como uma importante peça relacionada à religião Mesopotâmica, são de sua própria autoria.

O disco de Enheduana: o impacto sobre a evidência visual no Ofício de En

Apesar de poucas imagens visuais relacionadas a Enheduana terem sobrevivido ao longo do tempo, seu registro arqueológico é único. Os dois selos que mencionam seu nome são desenhados no estilo clássico acadiano, tendo como proprietários os servos de Enheduana: o selo de Ilum-pāl[il, cabeleireiro da princesa, e o selo de Adda, supervisor de propriedade. Além disso, seu escriba [x]-kituš-du, possuía uma impressão de selo com seu nome. Nesses três objetos são retratadas cenas de competição entre animais, sendo comuns nos catálogos glípticos do Período Acadiano de Boehmer (1965: 105). Segundo Buccellati e Kelly-Buccellati (2002: 16), essas imagens eram usadas pela realeza e funcionários diretamente associados à família real.

A imagem de Enheduana foi encontrada em um disco de alabastro, com 7 cm de altura e 25 cm de diâmetro, produzidos provavelmente entre 2240 e

³ O gippar era um edifício sagrado que tinha como objetivo servir de residência oficial para a sacerdotisa entu. Essa residência se dividia em conjuntos, contendo: o templo de Ningal, que é a seção inferior C da planta; os aposentos residenciais privados da sacerdotisa ficava na seção superior a direita A; abaixo dessa seção fica o cemitério onde enterraram as sacerdotisas, seção B; e a direita deste cemitério fica a área de jantar e abaixo dela a área da cozinha.

2200 a.e.c., encontrado nas escavações na cidade de Ur, lideradas por Leonard Woolley, em 1927, no Templo de Ningal. Segundo o escavador, o disco foi deliberadamente fragmentado e é provável que tal fato tenha ocorrido durante a expulsão da princesa de seu gippar em Ur, quando rebeldes enfrentaram seu sobrinho Naram-Sin.

Na arte suméria, a forma redonda do disco é única e pode assumir a forma da lua cheia de Nanna. Neste sentido, Enheduana e Inanna conectam-se ao Deus lua, Nanna, sua alta sacerdotisa e Inanna, filha do casal lunar sumeriano, Nanna e Ningal. No verso do disco, Enheduana traja uma vestimenta de lã tosada; seu cabelo está solto, com mechas de cachos descendo por suas costas e ombros. Sobre sua cabeça se encontra um chapéu de aba enrolado. Ela está acompanhada por dois sacerdotes que carregam a parafernália ritual, e o sacerdote à sua frente parece fazer uma libação em um altar. A princesa é mostrada de perfil com o braço direito erguido em um conhecido gesto de saudação piedosa, comparada as cenas retratadas nos selos de III Dinastia de Ur ao Código de Hamurabi (imagem 01).



Imagen 01: Disco de Enheduana, Período acadiano, 2240 - 2000 a.e.c, Penn Museum, in: <https://www.penn.museum/collections/object/293415>.

A imagem apresentada no disco faz referência a uma espécie de ritual, realizado por Enheduana e outros sacerdotes. No centro da figura, a sacerdotisa acompanha um sacerdote no ato de libação, ela supervisiona sua performance frente ao ritual. Os detalhes fornecidos pelo disco não permitem identificar qual seria a finalidade do ritual, tão pouco, para qual divindade foi realizado. É possível observar que apenas a cabeça de

Enheduana toca a margem superior do friso, enfatizando visualmente sua posição elevada aos demais participantes do ritual. Winter (1987: 193) argumenta que essa correlação entre posição e tamanho relativo aparece pela primeira vez na arte mesopotâmica no início do período da III Dinastia de Ur, com o chamado “Padrão de Ur” e as placas de Umanše de Lagash, assim como no disco de Enheduana, as figuras primárias são maiores que atendentes e associados (Winter, 1987: 193).

Um selo cilíndrico do período dinástico inicial de Ur apresenta uma cena registrada em uma única placa: uma mulher com uma espécie de capa e um chapéu de abas enroladas atrás de um homem com cabelos longos segurando um vaso de bico fino diante de uma divindade sentada e da fachada de um templo. Embora não tenha elementos capazes de identificar a deidade, os animais que foram inseridos no pés do deus - par de touros ou bezerros - são conhecidos pela sua associação ao deus da lua, Nanna. Além de que, a representação cuidadosa do chapéu de abas enroladas da figura feminina pode ser comparada ao chapéu utilizado por Enheduana, um elemento especial associado ao cargo de en sacerdotisa. Os componentes presentes nesse selo parecem seguir uma tradição tanto no culto religioso, como nas vestimentas e representação visual dos personagens centrais (Winter, 1987: 19).

Nesse sentido, é discutida a influência visual do disco de Enheduana nos selos que representam en sacerdotisas de outros tempos. Segundo William Hallo (1976: 29), a instituição de en sacerdotisa “formou um elo de culto para todas as cidades-estados sumérias, mesmo em períodos de desunião”. Nesse sentido, a produção do disco de Enheduana pode ter servido para registrar as mudanças dinásticas, identificando como essa dinastia se relacionava com os deuses tradicionais da Suméria. Outros reis ao longo do tempo seguiram o exemplo de Sargão e nomearam suas filhas como en sacerdotisa, este é o caso de Ishme-dagan que coloca sua filha Enannatumma como en sacerdotisa. Após o colapso dramático do fim do império sargônico por volta de 2160 a.c, o governo desempenhado por Ishme-dagan, no período de Isin-Larsa, foi crucial para mostrar como a dinastia Ishme governava de acordo com a vontade dos deuses (Mchale-Moore, 2000: 71).

Ao instalar Enannatumma como en sacerdotisa de Ur, o rei Ishme-dagan lhe deu como a primeira tarefa: a reconstrução do gippar, recinto sagrado e casa dos deuses. Essa ordem dada pelo rei fazia parte de uma manobra política, pois mesmo com a lista de reis dessa dinastia, algumas lamentações eram escritas sobre “o colapso da vida civilizada”. Só um rei

que era reconhecido pelos deuses poderia reconstruir um edifício sagrado. Assim como Ishme-dagan estava seguindo os passos de Sargão, é muito possível que sua filha estivesse procurando se aproximar das suas antecessoras (Mchale-Moore, 2000: 71).

Nesse processo de reconstrução, acredita-se que Enannatumma tenha encontrado sepulturas de antigos moradores do gippar. Esses túmulos foram saqueados ao longo dos anos, e é provável que vários objetos de valor tenham sido levados do recinto sagrado. Como encarregada pela reconstrução do gippar, Enannatumma deve ter procurado nos escombros algo que possa ter passado despercebido pelos saqueadores. Nesse processo, Enannatumma encontrou pedaços de um disco, que apesar de não ter joias ou outras riquezas em sua volta, continha uma inscrição no verso do disco de Enheduana, que, provavelmente, foi restaurado por Enannatumma. Ao lado do disco de Enheduana foi encontrada nas escavações uma estátua com uma longa inscrição afirmando que a reconstrução desse disco havia sido dedicada a Nin-gal pela própria Enannatumma (Mchale-Moore, 2000: 74).

É notável a influência visual promovido pelo disco de Enheduana nas representações de outras sacerdotisas em períodos posteriores mesopotâmico. Ao ser nomeada pelo seu pai como elemento estratégico no reforço do poder acadiano sobre as cidades-estados sumerianas, a sacerdotisa promoveu continuidades nas representações dos cultos religiosos, servindo como espelho para as próximas sacerdotisas.

O papel de Enheduana na transformação do sacerdócio como forma de legitimação do poder real

As fontes a respeito das mulheres mesopotâmicas, apesar de serem abundantes, são limitadas às mulheres da elite. Por conta disso, sabemos pouco sobre as mulheres de baixo escalão. Em relação aos dados sobre os papéis religiosos femininos, os problemas são ainda maiores, visto que havia uma diferença entre a religião pública e a religião privada. Nosso conhecimento em relação à religião privada ainda é escasso. E mesmo tendo conhecimento sobre o ofício exercido pelas mulheres na religião pública, não se tem acesso a documentos que descrevam tais atividades pormenorizadas. Dessa forma, faremos um pequeno esboço do sacerdócio feminino, tendo como pressuposto a seguinte hipótese: as mulheres mesopotâmicas obtiveram papéis cultuais e rituais importantes devido às suas conexões com famílias poderosas, como no caso de Enheduana, que

ao ser escolhida por seu pai para exercer o cargo de sacerdotisa, modificou sua nomenclatura, introduzindo o termo en ao cargo. De acordo com Gadotti (2016: 65), mesmo tendo sido agentes influentes por direito próprio, estavam subordinadas a homens poderosos.

A cultura mesopotâmica tinha uma relação muito íntima com a religião. Cada cidade-estado da Suméria tinha seu deus patrono, sendo os principais: An, Ninursague, Enlil, Enki, Nanna e Inanna. O divino dominava quase todos os aspectos da vida cotidiana e, com isso, as pessoas que mediavam as relações entre o mundo divino e mundo humano exerciam grande influência nessa sociedade. Tais pessoas ficaram conhecidas como sacerdotes e suas obrigações englobavam o culto diário, acompanhado de orações, organizações de festivais e manutenção da harmonia social e cósmica. Nesse sentido, os templos religiosos dessas cidades tinham o melhor gado, os melhores produtos agrícolas e bebidas para entrega diária às divindades. O sacerdócio era organizado com base no sexo e status da pessoa dentro da sociedade (Camilo, 2023: 06).

As mulheres chamadas de sacerdotisa na Mesopotâmia ocupavam posições elevadas e desempenhavam um papel no culto religioso. As sumas sacerdotisas eram chamadas de Entu em acadiano, uma forma modelada da palavra suméria en. Por volta de 3.000 a.e.c, o termo En era o título sumério do governante da cidade de Uruk, o homem ao lado de Inanna, a deusa patrona da cidade. Cerca de quinhentos anos depois, no período acadiano, a sumo sacerdotisa do deus lua Nanna em Ur assumiu esse título masculino e tal fato desencadeou no nascimento de uma nova instituição. A mulher que fosse nomeada como serva e noiva do deus lua Nanna, receberia um novo nome sumério que sempre começaria com en. Os sacerdotes que serviam às deusas femininas também poderiam assumir o termo en em seus nomes, como no ano oito de Ur-Nammu em que seu filho foi escolhido como en de Inanna de Uruk (Stol, 2016: 555-556). Westenholz (1992: 35) distingue três etapas para o ritual de nomeação das sacerdotisas: A primeira sendo a seleção por meio da adivinhação, separando-a do mundo profano; a segunda seria o noviciado, um forma dela se familiarizar com os rituais; e a última trata-se da incorporação da sacerdotisa ao mundo sagrado, culminando sua entronização.

No período acadiano, a sacerdotisa do deus lua Nanna em Ur era conhecida como zirru, uma combinação suméria de sinais cuneiformes, aludindo ao deus da lua. A palavra zirru indicava uma ave fêmea fazendo uma conexão com a deusa Ningal, também representada por uma ave, a esposa de Nanna (Stol, 2016: 558).

Sargão, o rei de Kish, ao conquistar todas as cidades-estados da Mesopotâmia estabeleceu um sistema de governo centralizado, tendo Acádia como o centro político de seu império. Ele enfraqueceu o poder das elites das cidades-estados do sul, incluindo os templos, procurando estabelecer o controle da vida religiosa e dos recursos econômicos, ideológicos e militares em toda a região. Mas esse poder centralizado não se fortaleceria somente com dissensões, pois era necessário integrar seu governo às normas e crenças locais, principalmente no âmbito religioso (Carvalho, 2020: 348). Assim, uma de suas ações mais poderosas neste sentido, foi colocar sua filha, Enheduana, para exercer o cargo de sumo sacerdotisa no templo de Ur com a finalidade política de fortalecer o seu poder na Suméria. De acordo com Ottermann (2007: 88), é “com Enheduana [que] aparece pela primeira vez comprovadamente a palavra en para o cargo de sumo sacerdotisa”. Segundo Amanda Camargo, é possível considerar que a autonomeação de Enheduana gera uma nova moda de antropônima de renomeação do sacerdócio da região de Ur. Ademais, o que Ottermann (2007: 38-39) percebe é que a palavra identificadora para o cargo, en, vai aparecer a partir de então em listas de ofício religioso da Antiga Mesopotâmia.

Desde então, o termo en indica que todas as mulheres que vierem a exercer este cargo trarão este termo em seu nome, reforçando o papel social das elites nessa função, a de sumo/alta sacerdotisa, pois apenas as filhas dos reis estavam qualificadas para assumir este cargo.

O termo en faz referência a administração sacerdotal da fecundidade da terra. Seu título designa um propósito: ela é a senhora que gera a abundância, a governante da prosperidade. Como en sacerdotisa, Enheduana gerenciava um extenso empreendimento agrícola nas terras localizadas ao redor do templo. Essas propriedades propiciaram às sumas sacerdotisas uma economia considerável, visto que diversos tipos de trabalhos eram realizados no templo, como: o cultivo de safras, o cuidado com o gado e, até, atividade de pesca. Muitas pessoas da cidade eram empregadas para realizar tais atividades. Registros posteriores a Enheduana indicam que as en sacerdotisas eram ativas em diversas atividades econômicas e sociais, podendo possuir propriedades e fazer negócios em diferentes templos (Meador, 2000: 52).

De acordo com a imagem fornecida pelo disco de Enheduana, a en sacerdotisa não oferece a libação diretamente ao deus, mas supervisiona esta ação. Nesse sentido, sua função era zelar pelo bom funcionamento dos cultos e alguns rituais. A suma sacerdotisa cuidava diretamente da estátua

do deus da lua Nanna, sendo sua responsabilidade manter o deus satisfeito e alimentado, tais ações eram realizadas para o benefício do povo (Camilo, 2023: 07). A princesa Enheduana também organizou as atividades em torno do ano cultural da lua, liderou uma grande equipe de funcionários - sacerdotes, sacerdotisas, tecelões, escribas, cozinheiros, jardineiros e comerciantes - na realização dos preparativos e tarefas necessárias na encenação do ritual. Todo esse esforço ocorreu para garantir a generosidade e bondade do deus e da deusa da lua, Nanna e Ningal. Em seu ofício como en sacerdotisa, Enheduana dirigia rituais agradáveis aos deuses e assim mantinha as pessoas seguras em um universo ordeiro e próspero (Meador, 2000: 52-53).

Verifica-se ao longo do tempo uma certa continuidade nos papéis religiosos das mulheres, com algumas poucas inovações. Poderosos cargos religiosos são atestados nas sacerdotisas ereš.dingir, a sacerdotisa Tutu-napsu foi chamada de ereš.dingir que significa "a senhora do deus" assim como en. Outra sacerdotisa que compartilha a mesma importância era a engiṣītu akka-dian. O último título que aparece para sacerdotisa era ugbabtu, uma palavra acadiana que dificilmente é encontrada escrita foneticamente. No período babilônico, o cargo nadītu traduzido como "campo em pousio", sugeria que tal mulher não tinha filhos. Geralmente essas sacerdotisas pertenciam às famílias ricas e sua nomeação como nadītu tinha o objetivo de alienar os bens da família, visto que essas mulheres não podiam casar ou ter filhos e após sua morte os bens pertencentes a ela voltariam a família (Stol, 2016: 566-568).

As representações glípticas⁴ das sacerdotisas demonstravam sua grande relevância na evidência visual mesopotâmica. Essas mulheres eram apresentadas com vestimentas especiais, portanto a insígnia do seu ofício, com os cabelos soltos em uma túnica esvoaçante, assim como as deusas. Tinham posturas entronizadas em estatutário, assim como os reis (Dupla, 2020: 319). Ao contrário delas, as mulheres comuns eram retratadas com o cabelo preso com uma faixa e suas vestes tinham franjas, raramente eram plissados. Raramente eram representadas sentadas (Popa, 2016: 06). As mulheres de status elevado como as sacerdotisas e os membros da realeza, tinham autoridade administrativa considerável, inclusive tendo seu

4 A palavra glíptica deriva do verbo grego "γλυπτώ", que significa a arte de gravar gemas ou figuras. A glíptica remota uma arte capaz de gravar em pedras preciosas, que inclui a talha e a escultura cavada em alto relevo. Seu termo é aplicado à arte de talhar os selos cilíndricos da Antiga Mesopotâmia.

próprio selo e gerenciando funcionários, além de serem letradas, como no caso de Enheduana (Popa, 2016: 07).

As sacerdotisas que viviam dentro do edifício do gippar deveriam levar uma vida casta, ou então poderiam ser severamente punidas. Em uma lei fragmentária do rei Ur-Nammu têm-se a seguinte inscrição: "Se alguém dormir com uma suma sacerdotisa (ereš.dingir), a suma sacerdotisa e esse homem serão queimados." O ato de queimar os infratores significava que esse crime tinha sido totalmente expurgado e nenhuma mancha iria permanecer. A sacerdotisa Enheduana se autodenomina "a pura (dadag) en de Nanna", possivelmente simbolizando o voto de castidade desse ofício. A lenda de nascimento do rei Sargão retrata um relacionamento irregular de uma enetu - possivelmente uma entu - com um homem desconhecido (Stol, 2016: 570-574). Narrando os fatos do seu próprio nascimento, Sargão diz o seguinte:

Eu sou Sargão, o poderoso rei, o rei de Acádia. Minha mãe era enetu, meu pai eu não conhecia.

Ela me trouxe ao mundo em segredo. Ela me colocou em uma pequena cesta de junco.

Ela me lançou na água de um rio para que eu não pudesse sair dele.

(Stol, 2016: 572) (Tradução nossa).

Essa narrativa indicava que Sargão era ilegítimo, sua mãe sendo uma sacerdotisa entu deu à luz em segredo e precisou abandonar seu filho ao rio para não sofrer uma punição severa pelo seu delito (Stol, 2016: 572).

Textos datados das sacerdotisas nadītu do deus Marduk na Babilônia revelam uma outra mentalidade a respeito da castidades dessas sacerdotisas. A essas mulheres era permitido o casamento, no entanto não tinham autorização para ter filhos. Um presságio obtido do fígado aponta uma maneira deliberada para evitar a gravidez: "A sacerdotisa deverá permitir-se dormir com ela por trás para não engravidar."

Alguns processos da época da Babilônia fazem referências de nadītus que tiveram filhos, em um caso a sacerdotisa teve seu filho adotado por seu irmão. O registro aponta que a criança foi arrancada grosseiramente do ventre da mãe e depois a mãe pagou uma ama de leite para alimentar seu filho. Aparentemente essa situação não resultou em uma pena severa, afinal a castidade podia não ser tão valorizada. A questão chave seria a não legitimização desse filho pela sacerdotisa (Stol, 2016: 573-574).

Diante disso, é possível considerar a diversidade, apresentado pelo ofício do sacerdócio feminino. As mulheres desempenhavam papéis diferentes

no culto religioso das divindades dependendo da sua posição social e suas conexões com famílias poderosas da elite. A nomeação de Enheduana, por seu pai Sargão, marcou uma nova hierarquia sobre esse ofício. Enheduana tomou o lugar de Ningal e tornou-se a esposa do deus Iu Nanna. O termo en foi incorporado no nome da suma sacerdotisa e isso gerou uma nova instituição, visto que outros reis seguiram o exemplo de Sargão. Durante muitas dinastias mesopotâmicas, a en sacerdotisa era o principal agente religioso dos templos. Enheduana foi um marco importante na instalação do ofício de suma sacerdotisa, além de ser uma força estabilizadora dentro do império acadiano.

Os escritos de Enheduana: o peso da evidência escrita no reforço do poder acadiano na Suméria

Segundo Winter (1987: 189), as mulheres mesopotâmicas tinham papéis limitados na literatura épica da Mesopotâmia. Sua participação era favorável quando auxiliavam os homens em suas lutas e busca pelo sucesso. Essas mulheres eram especialmente valorizadas quando atuavam na manutenção das normas dessa sociedade, por meio de rituais e ações socialmente integradoras. Dois papéis que permitiram uma grande visibilidade pública, foram: a esposa ensi em exercício ou chefe administrativo local; e o outro, por meio do ofício de en sacerdotisa no culto de um divindade masculina.

A en sacerdotisa Enheduana, considerada a primeira autora do mundo antigo com textos identificados, influenciou a teologia suméria e a psicologia de sua época, sendo sua popularidade atestada no número de cópias do hino intitulado “Exaltação de Inana”. Seus poemas e hinos circulavam por toda a Babilônia, em especial, nas escolas de escribas, tendo enorme alcance junto à população letrada da Mesopotâmia. Os três poemas de Enheduana para Inanna estabeleceram uma nova hierarquia divina e elevaram a deusa a um novo patamar no panteão mesopotâmico, criando um papel para Inanna nunca antes explicitamente declarado. Apesar de Inanna figurar como tema de mitos mais antigos, como “A Descida de Inanna ao Submundo”, e de canções, como as da literatura sagrada do casamento, Enheduana a colocou acima de todos os outros deuses (Meador, 2000: 73).

Os escritos de Enheduana refletem as profundas mudanças do espírito humano que ocorreram nos últimos quinhentos anos da civilização suméria. A era sagônica vivenciou uma modificação na percepção dos

deuses. Enheduana expressou na literatura transformações já presentes nas obras de arte, no qual deuses estão mais vulneráveis e disputando entre si seus domínios. Neste sentido, a autora cria e explora uma nova imagem dos deuses, em particular, de Inana. Em diversas imagens da época, os deuses são retratados ao lado dos humanos, demonstrando uma relação pessoal dos indivíduos com as divindades. Em meio a essas transformações, Enheduana se apresenta como noiva de Inana (Meador, 2000: 74-75).

Sua poesia é marcada por duas características: reúne uma infinidade de imagens sobre Inana, produtos da tradição e de sua própria imaginação. Outro elemento de sua poesia é a carga emocional atribuída à deusa, que a aproxima dela, presente em uma narrativa extremamente pessoal, próxima de um diário (Meador, 2000: 76-77). Enheduana procura alcançar a psique das pessoas por meio dos elementos emocionais atribuídos à deusa. Em sua descrição de Inana, enigmática e paradoxal, ela reuniu seu senso do poder dessas forças e sua interpretação de seu significado. A sua devoção à deusa era a razão de seu ser, superando todas as provações passadas em sua existência.

Esse relacionamento íntimo entre Enheduana e a deusa Inanna tem raízes profundas e remonta a lenda de nascimento de seu pai Sargão. Após ser abandonado por sua mãe em um rio para morrer, Sargão é encontrado Aqqi, denominado como o guindaste da água. Aqqi criou Sargão como filho e o designou para trabalhar como jardineiro. Durante seu trabalho como jardineiro, Sargão ganha o amor da deusa Ištar e consequentemente se torna rei. Após fundar a cidade de Acádia, Sargão procurou estabelecer uma narrativa política por meio da mitologia a fim de afirmar sua legitimidade como soberano. Em seguida, Sargão promove essa deusa como a principal referente ao panteão mesopotâmico. Seus sucessores perpetuam essa prática ao sinalizar a dinastia como a "Ištar". Essa deusa tão importante para o império acadiano se chama Inanna em sumério. Assim, é natural que a princesa Enheduana tenha uma conexão tão próxima com a deusa Inanna, uma vez que essa deusa fez parte da ascensão ao poder de seu pai (Stol, 2016: 564-565).

No poema *Nin me šár-ra*, que significa "A exaltação de Inanna", preservado em noventa plaquetas de diferentes cidades da Suméria, Enheduana glorifica a deusa Inanna. Em seguida, a autora relata, de uma forma muito pessoal, o que estava acontecendo com ela naquele momento. Forçada a abandonar o seu gippar e impedida de desempenhar seus afazeres sagrados, Enheduana utiliza o poema para manipular o sistema

ideológico com o objetivo de garantir seu êxito junto ao rebelde Lugal-ane, que a forçou a deixar seu templo. Este indivíduo, que liderou uma rebelião contra Naram-Sin, contestou a legitimidade de Enheduana enquanto a ensacerdotisa do templo de Nanna em razão dela estar profanando e secundarizando a imagem do deus Lua em detrimento da deusa Inana. No poema, Enheduana clama a ajuda de Inana denunciando o seu estado cativo. Ela afirma não ser apenas filha de Inana, mas sua nova noiva, que derrama devoção e paixão pelo amor comprometido. Além disso, o poema mostra também que Enheduana influencia os sentimentos da deusa, pois em razão de seu sequestro, o coração de Inanna não encontra alívio quando sua sacerdotisa está sofrendo. A raiva de Inanna aumenta porque Enheduana é uma cativa no deserto. Portanto, estabelece-se uma relação íntima, mútua e entrelaçada entre as duas.

filha sua eu sou, uma noiva cativa sua
eu sou uma cativa é por minha causa
sua raiva fumega
seu coração não encontra alívio
(Meador, 2000: 77) (Tradução nossa).

Por meio dos seus versos, Enheduana narra eventos em que o adversário de seu sobrinho aparece como uma pessoa que não respeita as tradições religiosas. Enheduana, habilmente clama pelo Deus An, deus que teria sido desrespeitado pelo rebelde, e para Inana punir Lugal-Ane.

Ao mudar os ritos de purificação do An, que determina o destino,
ele Lugalane alterou tudo para ele,
ele arrancou o Eana de An!
Ele não demonstrou admiração pelo venerável Deus AN!
Esta casa, cuja abundância ele [43:AN] não estava satisfeito,
cuja beleza ele não havia provado,
ele [44:Lugalane] transformou esta casa em um lar desprezado por ele!
O tempo todo, ao entrar, como se fosse o companheiro,
aproximou-se de mim com inveja!
Minha vaca selvagem, divina e impulsionada!
Você deve afastar esse “alguém”,
você deve capturar esse “alguém”!
Neste lugar onde a vida se torna possível –
o que sou eu?
Este território rebelde, desprezado pela sua Nanna:
An deveria forçá-los a se render!
(Hallo; Van Dijk, 1968: 24-27) (Tradução nossa).

Enheduana resolve o impasse em seus escritos dizendo que o Deus An manda ela voltar para seu gippar, aceitando o poder de Inana em Ur, motivo da contenda do rebelde. O triunfo de Inana e de Enheduana reflete

o triunfo de Acádia, que por meio dos escritos da en sacerdotisa transforma o sistema ideológico em favor de uma divindade de origem acadiana.

A composição de Enheduana: *in-nin-me-husa* “Inanna & Ebih”, é considerada seu primeiro escrito sobre a deusa Inanna. Esse poema conta a história de um conflito entre uma montanha rebelde conhecida como Ebil e a deusa Inanna:

(...) A terra das altas montanhas, a terra da cornalina e do lápis-lazúli, curvou-se diante de você, mas Ebih não se curvou diante de você e não o cumprimentou. Quebrando-o em sua raiva, conforme desejado, você o esmagou como uma tempestade. (...) (Black, 2004: 97) (Tradução nossa).

Segundo Hallo e Van Dijk (1968), o evento registrado nesse poema faz alusão a uma ação revoltosa do território de Ebil contra o império sargônico, provavelmente, na época de Naram-Sin. O feito realizado por Inanna nessa região serviu de propaganda política e religiosa, estabelecendo o domínio explícito do império e da deusa pessoal dos reis acadianos. A figura da deusa Inanna é retratada como devastadora, implacável e guerreira, características presentes nos governantes do terceiro milênio:

(...) Quando chegou a hora, você destruiu o lugar que tinha em seus pensamentos, fez o lugar tremer. Nada se compara aos seus propósitos (?); quem pode se opor aos seus grandes feitos? Você é a senhora do céu e da terra! (...) (Black, 2004: 97) (Tradução nossa).

Após sua bem sucedida vitória Ebih, a deusa Inanna instala seu trono em um templo na região e estabelece rituais únicos em seu culto, demonstrando a união entre política e religião:

(...) Eu construo este templo esplêndido (...)
Eu invadi acerca de corda da montanha
Eu triunfei Ebih (...)
(Meador, 2000: 102) (Tradução nossa).

No poema IN-NINSA-GUR-RA: “Senhora de Grande Coração”, Enheduana faz uma descrição bem detalhada acerca da personalidade bem agressiva e toda a ira da deusa Inanna:

(...) Ela provoca confusão e caos contra aqueles que lhe são desobedientes (...) (... há desespero, um vento sul que cobre Inanna senta-se em leões atrelados (?) e corta em pedaços aquele que não demonstra respeito (...) (Enheduana, A hymn to Inanna, v. 18-28). (Nossa tradução).

As colocações feitas sobre a deusa Inanna ao longo deste escrito, destaca sua supremacia entre os demais deuses, retratando sua posse sobre todos:

Aos seus gritos altos, os deuses da Terra ficam assustados. Seu rugido faz os deuses Anuna tremerem como um junco solitário. Com seu estrondo, eles se escondem todos juntos (...) (Enheduana, A hymn to Inanna, v. 11-17). (Nossa tradução).

Ao final do poema, Enheduana escreve:

(...) An e Enlil determinaram um grande destino para você em todo o universo. Eles concederam a você a senhoria na câmara de assembleia. Estando preparado para ser senhoria, você determina o destino das nobres damas (...) (Enheduana, A hymn to Inanna, v. 264-271). (Nossa tradução).

Esses versos descrevem Inanna como a cuidadora do universo e uma deusa governante, ela deve determinar o destino das princesas como Enheduana. O aspecto expansivo do governo de Inanna, inclui atender as necessidades pessoais de Enheduana. Consequentemente, essa relação tão íntima de Inanna com Enheduana, elevou a importância da princesa frente a sociedade mesopotâmica.

É atribuída a Enheduana quarenta e dois hinos devotados para os templos da Suméria e Acádia. Esses hinos não apenas enfatizam a arte criativa da poeta Enheduana, mas também apresentam exemplos da prática ritual suméria acerca da percepção de deusas e deuses individuais e da teologia da antiga Mesopotâmia. Os hinos são escritos para os diversos templos, vistos como a casa sagrada, morada da divindade. Para cada um ela nomeou com diferentes qualidades: “um santuário aquoso”, “acumulador de poder do céu, umbigo da terra e do céu”, “vaca selvagem”, coroa do altiplano”. O templo de Ebabber, do deus sol Utu, é descrito da seguinte forma: “seus chifres brilhantes, prata e lápis-lazúli, sua lustrosa barba de lápis-lazúli pende em profusão” (Meador, 2000: 69-70). Os quarenta primeiros hinos terminam com a seguinte frase: “(nome da divindade) construiu sua casa em seu local radiante e colocou seu assento em seu estrado”. No último hino houve uma pequena mudança na última frase:

A pessoa que ligou (esta) tabuinha é Enheduana.
Meu rei
a coisa que não nasceu não foi esta que a deu à luz?
(Enheduana, The Temple Hymns, v: 543-544) (Tradução Nossa).

Quase todas as cópias existentes dos hinos vêm do período da Antiga Babilônia, quatrocentos a quinhentos anos após a morte de Enheduana, escritos ao longo do período acadiano. Os “Hinos do Templo” tornaram-

se parte do cânone literário da Antiga Babilônia, presentes na tradição dos escribas posteriores com profundo impacto na herança religiosa da Mesopotâmia. O uso dos hinos nos templos e na sociedade não tem registro muito claro. É possível inferir que algumas partes dos hinos tenham sido cantadas e que Enheduana tenha ido às cidades onde os vários templos estavam localizados com o fito de apresentar os hinos de forma ritualística (Meador, 2000: 70-71).

Algumas frases dos hinos são centradas na figura da mulher. Enheduana incorpora em seus escritos uma sensibilidade feminina até então inédita na literatura suméria acadiana. Nos hinos, esse destaque feminino aparece por meio das diversas características das deusas do panteão mesopotâmio, estendendo essas características aos templos sob seu domínio.

Uma das possibilidades de tal característica é a aproximação ancestral com a terra e seus processos. No hino a Ninhursag, a principal deusa-mãe da Suméria, ela diz sobre o templo: “seu interior é um útero escuro e profundo”. No hino do templo da deusa Shuzianna, por exemplo, a poeta escreve: “ela semeia flores em profusão em teu sítio luminoso. . . a alta casa fechada para mulheres consagradas” (Meador, 2000: 71-72).

A motivação política dos hinos atribuídos a Enheduana não é contestada pela historiografia (Hallo, Van Dijk, 1968). Os hinos de Enheduana foram voltados em sua grande maioria aos templos da Mesopotâmia meridional, território conquistado por seu pai e mantido sob a tutela de seus herdeiros durante o império acadiano. Neste sentido, os escritos de Enheduana são proeminentes na ligação entre os templos sumerianos e acadianos (Hallo; Van Dijk, 1968: 10), como ela escreve nesse verso:

Ó casa de Enki em Eridug.
Ó, santuário onde o destino é determinado, fundação, erguido com um ziqqurat,
assentamento de Enlil, sua direita e sua esquerda são Suméria e Acádia.
(Enheduana, The Temple Hymns, v: 25-33) (Nossa tradução).

Aage Westenholz (1999: 76-77) argumenta que, embora as obras de Enheduana sejam escritas em sumério, elas contêm um “espírito acadiano”. A poesia de Enheduana estava de alguma forma equilibrada entre as duas línguas, retratando uma mistura de tradições oriunda dos tempos turbulentos do império acadiano. Portanto, a grande novidade de seus escritos é a ligação das tradições sumerianas com as acadianas em um contexto histórico específico.

Conclusão

Enheduana exerce um papel de suma importância no âmbito da estratégia política da dinastia acadiana. Seu pai ao colocá-la como sacerdotisa de UR procurou estabelecer uma ponte poderosa entre as práticas culturais acadianas e sumerianas, ancoradas na religião. A tradição sumeriana de policentrismo político e produção cultural nas cidades estados esteve presente na obra de Enheduana, que produziu hinos para diferentes templos. Contudo, ela consegue realizar um sincretismo cultural em proveito do império, mesmo em um contexto histórico conturbado. Dentre seus atributos, se destacam a forma como ela explorou o papel da deusa Inana, transformada por Enheduana em uma deusa mais popular na Mesopotâmia. Neste sentido, as estratégias de poder acadiano vão além da esfera militar, tendo uma mulher como protagonista de tal estratégia, atuando no campo político-religioso e cultural.

Referências

- BLACK, Jeremy et al. *The literature of ancient Sumer*. New York: Oxford University Press Inc., 2004.
- BOEHMER, Rainer M. *Die Entwicklung der Glyptik während der Akkad-Zeit. Untersuchungen zur Assyriologie und vorderasiatischen Archäologie*. Berlin: De Gruyter, 1965.
- BUCCELLATI, Giorgio. KELLY-BUCCELLATI, Marilyn. Tar'am-Agade, Daughter of Naram-Sin, at Urkesh. In: OATES, David; GAILANI WERR, Lamia (Ed.) *Papers on the Archaeology and History of Mesopotamia and Syria Presented to David Oates in Honour of His 75th Birthday*. London: NABU, 2002. p. 11-31.
- CAMARGO, Amanda Kristensen. Um estudo sociocognitivo dos antropônimos “enheduana” e “akhenaton”: a autonomeação como comunicação político-performativa. *Classica*, e-ISSN 2176-6436, v. 36, p. 01-23, 2023. Disponível em: <<https://revista.classica.org.br/classica/article/view/1023/1085>>. Acesso em: 20 out. 2023.
- CAMILO, Daniela. O Sacerdócio Feminino no império acádico - caso de estudo: Enheduana a princesa Sacerdotisa. *Revista Est. Fil. e Hist. da Antiguidade*, n. 40, p. 01-21, 2023. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cpa/article/view/18228/12934>>. Acesso em: 10 out. 2023.

CARVALHO, Alexandre. Sargão de Acádia: entre lendas e legados. In: REDE, Marcelo (Org.). *Vidas Antigas: Ensaios biográficos da Antiguidade*. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2020. v. 2, p. 339-368.

COHEN, Mark E. Literary Texts from the Andrews University Archaeological Museum. *Revue d'Assyriologie et d'archéologie Orientale*, v. 70, n. 2, 1976, pp. 129-144. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/23282310>>. Acesso em: 15 out. 2023.

DUPLA, Simone Aparecida. Sacerdócio Feminino na Antiga Mesopotâmia. NEARCO: *Revista Eletrônica de Antiguidade*, Núcleo de Estudos da Antiguidade - NEA, v. 12, n. 12, ISSN 1982-8713, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 314-333, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/nearco/article/view/47993/pdf>>. Acesso em: 15 out. 2023.

ENHEDUANA. A *hymn to Inana* (Inana C). Disponível em: <<https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.4.07.3&display=Crit&charenc=gcirc&lineid=t4073.p23#t4073.p23>>. Acesso em: 01 out. 2023.

ENHEDUANA. *The Temples Hymns*. Disponível em: <<https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.4.80.1&display=Crit&charenc=gcirc&lineid=t4801.p107#t4801.p107>>. Acesso em: 09 out. 2023.

GADOTTI, A. Mesopotamian women's cultic roles in late 3rd-early 2nd millennia BCE. In: BUDIN, S. L.; TURFA, J. M. *Women in Antiquity: real women across the ancient world*. New York: Routledge, 2016.

HALL, Mark Glen. *A Study of the Sumerian Moon-God, Nanna/Suen*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1985.

HALLO, William W. The Women of Sumer. IN: SCHMANDT-BESSERAT, Denise. *The Legacy of Sumer Bibliotheca Mesopotamica*. Malibu: Undena Publications, 1976. p. 29.

HALLO, William; VAN DIJK, J. J. A. *The Exaltation of Inanna*. New Haven: Yale University Press, 1968.

HELLE, Sophus. Enheduana and the Invention of Authorship. *Authorship*, v. 8, n. 1, p. 1-20, 2019. Disponível em: <<https://www.authorship.ugent.be/article/63898/galley/188271/view/>>. Acesso em: 12 out. 2023.

LEWIS, Brian. *The Sargon Legend*: a study of the Akkadian text and the tale of the hero who was exposed at birth. Cambridge: American Schools of Oriental Research, 1980.

MCHALE-MOORE, Rhonda. The Mystery of Enheduanna's Disk. *Journal of the Ancient Near Eastern Society*, v. 27, n. 1, p. 69-74, 2000. Disponível em: <<https://janes.scholasticahq.com/article/2431-the-mystery-of-enheduanna-s-disk>>. Acesso em: 05 set. 2023.

MEADOR, Betty de Shong. *Inanna: Lady of Largest Heart Poems of the Sumerian High Priestess Enheduana*. Austin: University of Texas Press, 2000.

OTTERMANN, Monika. *As brigas divinas de Inana: Reconstrução feminista de repressão e resistência em torno de uma deusa suméria*. 2007. 427 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais e Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/441>>. Acesso em: 03 out. 2023.

POPA, Elena. *Agency of Women in Mesopotamian Religion of the Second Millennium B.C.* Bucureşti: Editura Universităţii din Bucureşti, 2019.

SJÖBERG, Åke W.; BERGMANN, Eugen S. J. *The Collection of the Sumerian Temple Hymns. Texts from Cuneiform Sources 3*. Locust Valley: J. J. Augustin, 1969.

STOL, Marten. *Women in the Ancient Near East*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2016.

VAN DIJK-COOMBES, Renate M. The Many Faces of Enheduanna's Inana: Literary Images of Inana and the Visual Culture from the Akkadian to the Old Babylonian Period. In: VAN DIJK-COOMBES, Renate M.; SWANEPOEL, Liani C.; KOTZÉ, Gideon R. *From Stone Age to Stellenbosch Studies on the Ancient Near East in Honour of Izak (Sakkie)*. Studies on the Ancient Near East in Honour of Izak (Sakkie) Cornelius. Zaphon: Münster, 2021. p. 25-44. Disponível em: <https://www.academia.edu/63439757/The_Many_Faces_of_Enheduanna_Inana_Literary_Images_of_Inana_and_the_Visual_Culture_from_the_Akkadian_to_the_Old_Babylonian_Period>. Acesso em: 25 set. 2023.

WEADOCK, Penélope N. The Giparu at Ur. *Iraq*, v. 37, n. 2, p. 101-128, 1975. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4200011>>. Accessed 16 Nov. 2023.

WESTENHOLZ, Aage. The Old Akkadian Period: History and Culture. In: SALLABERGER, Walther; WESTENHOLZ, Aage. *Mesopotamien: Akkade-Zeit und Ur III-Zeit*. Freiburg: Universitätsverlag Freiburg Schweiz, 1999. p. 17-117. Disponível em: <https://www.zora.uzh.ch/id/eprint/151632/1/Sallaberger_Westenholz_1999_Mesopotamien.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.

WINTER, Irene; DURAND, Jean-Marie. Women in Public: The Disk of Enheduanna, the Beginning of the Office of En-Priestess and the Weight of Visual Evidence. *INTERNATIONALER ASSYRIOLOGISCHER KONGREß*. Bd.33: La Femme Dans Le Proche-Orient Antique, v. 33, 1986, p. 189-201. Disponível em: <https://www.academia.edu/36064334/Winter_I_J_1987_Women_in_Public_The_Disk_of_Enheduanna_The_Beginning_of_the_Office_of_EN_Priestess_and_the_Weight_of_Visual_Evidence>. Acesso em: 12 out. 2023.